
Pela primeira vez desde 2012, há mais brasileiros que se declaram de direita do que de esquerda. Os direitistas são 39% (maior número já registrado) e os esquerdistas, 28%.

Para Jairo Pimentel, da FGV, o sentimento antipetista e o desalento ligado aos escândalos de corrupção abriram margem para que políticos ligados ao espectro conservador captassem parte do eleitorado. Segundo ele, o crescimento da direita está aliado a uma crítica ao sistema político e democrático estabelecido no Brasil, que veio na esteira do bolsonarismo.

“Houve estabilidade entre direita e esquerda na última década, mas hoje a gente observa aumento de dez pontos percentuais [nos adeptos da direita]. Isso tem muito a ver com a capacidade de lideranças de representar, em termos ideológicos, aquilo que boa parte da população já pensava, mas não encontrava alguém para ecoar seus anseios”, diz.

Medidas autoritárias

Para 35% dos brasileiros, um golpe militar seria justificável em um cenário de muita corrupção. O apoio ao golpe cresce para 43% entre os que se consideram de direita e para 47% entre evangélicos.

Ainda assim, a maioria dos brasileiros (65%) é contrária à tomada do poder pelos militares. Não houve variação em relação aos resultados 2017.

Também é expressivo, embora minoritário, o percentual de entrevistados que acham que o presidente pode dissolver o STF (Supremo Tribunal Federal) e governar sem o tribunal caso o país enfrente dificuldades: 38%. O número mais que dobrou desde 2012, quando 13% eram favoráveis à medida. Aqui a direita também se destaca, com 52% favoráveis à medida.

“O apoio à democracia continua alto, mas metade das pessoas que se dizem de direita tem vontade de fechar o STF. Existe uma metade mais radical que pode puxar o outro grupo”, diz George Avelino, pesquisador da FGV.

Ele ressalta, porém, que o descontentamento com a corte encontra eco em todos os segmentos ideológicos. “O que é mais preocupante é que há apoio nos três grupos, embora a direita se destaque mais. O STF não está conseguindo agradar ninguém”, afirma.

Em 2018, o Supremo negou por mais de uma vez habeas corpus ao ex-presidente Lula (PT), em decisões que desagradaram parte da esquerda.

Por outro lado, a corte tem sido vista por grupos mais radicais de direita como conivente com a corrupção. No domingo (26), o STF foi um dos principais alvos das manifestações de rua pró-governo.

Mudar o cenário de improbidade entre a classe dos políticos, ele diz, pode ser um processo demorado, que envolve o aumento da capacidade do Judiciário de punir desvios e o aprimoramento da educação política do eleitor.

“Uma maior conscientização do eleitor tem a ver com aumento da escolaridade, da educação política. É um processo histórico, que não se resolve com canetada ou golpe”, diz.